

# **A NOVA ONDA CONSERVADORA NA REGIÃO: O RUMO DA ARGENTINA DE MAURICIO MACRI**

HORACIO MARTIN MELO PISSÓN<sup>1</sup>

## **RESUMO:**

O presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama sobre o que tem sido até o momento o governo do Mauricio Macri na república Argentina. O presidente assumiu o mandato faz pouco mais de 3 meses, todavia, as medidas implementadas até agora já refletem o rumo que terá país, isto é, com marcada orientação neoliberal. Nesse sentido farei uma comparação entre o que foram os governos progressistas de Nestor Kirchner e posteriormente Cristina Fernandez, com as recentes mudanças implementadas por Mauricio Macri, que em nossa consideração representam um retrocesso em relação a várias conquistas políticas, econômicas e sociais dos anteriores governos. Além disso, as similitudes com os processos ocorridos no Brasil nos permitem fazer um paralelismo entre ambos países, sobre tudo em relação ao papel desempenhado pelos meios monopólicos de informação e a influência dos Estados Unidos. Nas considerações finais, com base no que vem acontecendo no país, “prevemos” o futuro próximo da república Argentina. Lamentavelmente o panorama não é alentador, mas pelo contrário, reflete certo medo e receio pelo que pode ser uma volta ao neoliberalismo radical, que afogou ao país na crise política, econômica, social e institucional do ano 2001. O desejo é que isso não aconteça.

**PALAVRAS-CHAVES:** Progressismo; Onda conservadora; Desestabilização; Estados Unidos

## **1. Balanço dos governos do Nestor Kirchner e Cristina Fernandez**

Antes de fazer um balanço do que foram os 12 anos no governo do partido “Frente para la Victoria”, com a presidência de Nestor Kirchner (2003-2007) e posteriormente Cristina Fernandez durante dois períodos (2007-2011 e 2011-2015), se faz pertinente uma rápida lembrança sobre a situação política, econômica e social da Argentina nos anos prévios ao trunfo eleitoral desse líder político latino-americano que

---

<sup>1</sup>Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina

foi Nestor Kirchner.

Os anos de 1990 resultaram para Argentina anos de profunda crise política e econômica. Durante essa década, no contexto regional, os acordos de livre comércio foram o principal instrumento do assim chamado “regionalismo aberto<sup>2</sup>” (LIMA; COUTINHO, 2006, p.1), ou “Novo regionalismo<sup>3</sup>”, caracterizado principalmente por;

Disciplina fiscal, mudanças nas prioridades do gasto público, reforma tributária, liberalização do sistema financeiro, taxas de câmbio competitivas, liberalização do comércio exterior, eliminação das restrições aos investimentos estrangeiros, privatização das empresas estatais, desregulação da atividade econômica, e garantia dos direitos de propriedade. (GRANATO, 2007)

O Mercosul, criado pelo Tratado de Assunção em 1991, teve assim no seu começo um carácter meramente comercial, com um incremento dos intercâmbios comerciais entre os países-membros, porém com um debilitamento da integração pela “alta vulnerabilidade externa das economias da região diante as crises financeiras internacionais que ocorreram desde meados dessa década” (*idem*, 2007)

Na Argentina, o presidente Carlos Menem (1989-1999) foi o encarregado de introduzir o paradigma neoliberal na condução política do país, caracterizada pelas suas “relações carnis” com seu par estado-unidense George W. Bush. Durante esses anos a Argentina viveu uma das maiores recessões econômicas de sua história, com taxas de desempregos e pobreza superando o 20% do total da população.

No ano 1999 assumiu a presidência Fernando de la Rúa, mas seu mandato foi interrompido no ano 2001 a causa da grande crise econômica e social, extrema pobreza e desocupação (ambas no 50% do total da população) entre outros fatores, que levaram ao presidente a fugir em helicóptero desde o edifício presidencial, quando na praça de maio se concentrava a população cansada da corrupção e o roubo<sup>4</sup>.

Até o final do mandato do De la Rúa, Alfonso Rodriguez Saá (por uma semana), e posteriormente Carlos Duhalde foram os presidentes que concluíram o período (e também o saqueio), com o país sumergido na maior crise de sua história.

## 2. Os 12 anos no governo do “Frente Para la Victoria”

---

<sup>2</sup>“Este conceito expressava a ideia, bastante valorizada no momento de abertura de mercados e globalização financeira produtiva, de um regionalismo não exclusivo, isto é, uma modalidade de integração regional que seria criadora de comércio e não provocaria desvio do mesmo” (*idem*, p.1)

<sup>3</sup>Aquele que; “inclui como componente central de sua análise a necessidade de promover a liberalização comercial como objetivo principal de integração” (GRANATO, 2007, p.27)

<sup>4</sup>Fazemos referencia ao famoso “corralito bancário”, que se levou as poupanças de muitos anos da população, levando ao caos social, e incluso a muitos cidadãos ao suicídio.

Vejamos agora os ganhos e algumas das heranças que o “Kirchnerismo” deixou ao novo governo de Mauricio Macri. Em primeiro lugar, o Kirchnerismo pagou praticamente a totalidade da dívida externa<sup>5</sup> contraída durante a ditadura militar e a década de 1990, assim como a herança de um PIB muito maior que o do ano de 2003.

Além disso, milhões de novos empregos, melhores salários e melhores condições laborais. Tudo viabilizado graças ao regime de “Paritarias”, isto é, negociações entre os grêmios, o Estado e os empresários, para negociar os salários<sup>6</sup> e as condições de trabalho, etc. Também há hoje uma maior quantidade de aposentados com cobertura salarial e social, assim como baixos índices de desemprego, pobreza, indigência e mortalidade infantil, etc.

A questão dos direitos humanos também esteve na agenda dos governos kirchneristas, assumindo compromisso com a busca dos desaparecidos durante a ditadura militar, levando à cadeia a vários militares responsáveis daqueles episódios, os quais o presidente Carlos Menem tinha engavetado, quando assassinos e torturadores andavam tranquilamente pelas ruas da cidade. A isso, temos que acrescentar os ganhos em matéria de direitos da mulher e os avanços nas questões de gênero, aborto legal e matrimônio igualitário entre pessoas do mesmo sexo.

Em matéria de tecnologia, o apoio estatal através da criação do parque tecnológico “tecnopolis” levou a que retornaram ao país vários científicos “exilados” pela falta de oportunidades no país. Produto disso, a Argentina lançou recentemente dois satélites de comunicação de produção nacional, fato impensável alguns anos atrás.

Em resumo, durante o kirchnerismo houve uma volta do Estado à vida política e econômica do país, contrário ao período neoliberal onde o Estado se afastou do rol que deve cumprir e deixando nas mãos de empresários e das “forças do mercado” a regulação econômica, política e social do território nacional.

### **3. O governo do Mauricio Macri**

Como temos dito, aliás o governo do Macri tenha no poder somente pouco mais de três meses, a quantidade de medidas e decretos implementados pelo presidente

---

<sup>5</sup>“En los canjes de 2005 y 2010, Argentina logró la reestructuración de deuda soberana más exitosa de la historia, sin pedirle nada a nadie. Es decir, sin la participación del FMI ni el visto bueno de los mercados financieros. La deuda pendiente no alcanza a 3000 millones de dólares, menos del 8 por ciento del total de la declarada en default en la crisis del 2001.” (FERRER, 2016)

<sup>6</sup>El Salario Mínimo Vital y Móvil a partir del 1º de enero de 2016 alcanzará los \$6.060. De esta manera, el incremento logrado a lo largo de los últimos doce años alcanzará el 2.424 por ciento. En julio de 2003, el salario mínimo estaba pautado en \$250, pero ya cinco meses después, el gobierno de Néstor Kirchner lo aumentó a \$300.

nesses pouco tempo, já reflete a orientação que Argentina terá nos próximos anos, isto é, um alinhamento com os interesses das classes dominantes aliadas ao capitalismo financeiro internacional, em detrimento da maioria da população.

Nos vários discursos que o presidente Macri fez até hoje, a política externa é um assunto de relevância na agenda presidencial, se colocando com uma ideologia de abertura ao mundo. Isto vem do fato de que a Argentina “dos Kirchner” posicionou ao país diante dos olhos do mundo como um Estado fechado, extremamente nacionalista e protecionista, implementando grandes retenções às importações e exportações, que geraram certos questionamentos e ganhando inclusive o qualificativo de governo “autoritário”. Todavia, além de certas ou erradas, essas retenções permitiram ao Estado a implementação de programas sociais, e durante esses anos a Argentina experimentou um forte crescimento da indústria interna e, por conseguinte, do emprego e a capacidade de consumo da população.

Pois bem, aquela dívida externa que os governos Kirchner tinham praticamente pago em sua totalidade, o Macrismo se encarregou de voltar a tê-la, emitindo novos “bonos”<sup>7</sup>, e fazer novas negociações com os “Fondos buitres”, que posiciona novamente a Argentina numa posição de vulnerabilidade financeira e perda de soberania política e econômica diante os especuladores internacionais. Tal como coloca Molinari; “o enfraquecimento de muitos Estados Nações, bem como a perda de parte da soberania, está submetido aos serviços da dívida externa e ao sistema financeiro internacional (2010, p.7)

Ora, nos primeiros dias do seu governo o presidente Macri decretou o fim das retenções às exportações, medida que reduz a arrecadação do Estado (parte importante do orçamento para políticas sociais) e favorece principalmente aos setores mais concentrados da economia (leia-se oligarquia rural). Ao mesmo tempo, o fim das restrições para as importações introduz no país manufaturas, por exemplo da China, a preços muito baixos com os quais a indústria interna não pode competir, pelo que prejudica dita indústria e não privilegia o emprego nacional.

Vejamos agora um fato de grande transcendência que teve lugar nos últimos dias: A visita do presidente estado-unidense Barack Obama. É necessário fazer vários comentários em relação a isso.

Em primeiro lugar, a modo de parêntese, a visita aconteceu no dia 24 de março,

---

<sup>7</sup>Según o Financial times “La emisión de deuda por 15 mil millones de dólares que plantea el gobierno de Mauricio Macri para pagarle a los fondos buitres es la mayor que se haya realizado en el mundo, para una economía emergente desde 1996” (www.diarioregistrado.com) acesado dia 28/3/2016

data em que se cumpriram 40 anos do golpe militar do ano 1976. Bem é sabido a direta participação do governo e dos órgãos de inteligência estado-unidenses, no conhecido “Plan condor”, pelo que essa data tem um significado muito grande, sobre tudo para os cidadãos que viveram a repressão, as torturas e os desaparecimentos durante aquele período. Mas mesmo assim, o governo escolheu justamente esse dia para receber ao presidente do país que orquestrou o golpe. Decisão fortemente antipopular, que marca uma falta de compromisso com a justiça, a memória e a verdade pelas que lutam organizações como “As madres da praça de maio”.

Ora, a visita do presidente estado-unidense marca uma “volta ao mundo” da Argentina, e principalmente um reestabelecimento das relações com a potência do norte, que vê no novo governo um aliado para suas históricas pretensões de hegemonia na região. Entre outros assuntos, O TTP (Tratado Trans Pacífico) está na agenda norte-americana como uma prioridade (depois do fracasso do ALCA) para fazer frente ao avanço da China (e Rússia) na América do sul. Como destaca Atilio Borón, esse tratado, junto com a Aliança do Pacífico, tem como rasgo em comum uma coisa: a exclusão da China, a segunda economia do mundo (BORÓN, 2016). Como coloca o autor, China é o segundo sócio comercial da Argentina, trás o Brasil, e o maior comprador de produtos agrícolas do país, além de ser um dos investidores e sócios financeiros mais importantes (o que pode ser afetado pelo recente afundimento, por parte da Argentina, de um barco pesqueiro chinês em águas argentinas<sup>8</sup>).

Sendo assim, como coloca Ceceña;

América Latina, la plataforma de base y de redespliegue de la hegemonía norteamericana sobre el mundo, no podría estar fuera de control (...) Por eso ha sido necesario reforzar las posiciones que permitirán hacer uso irrestricto de los recursos continentales disuadiendo (o tratando de disuadir), al mismo tiempo, cualquier resistencia al despojo (2003, p.20)

O TTP tem também entre os acordos, a regulação das patentes para produzir medicamentos. Durante o governo de Cristina Kirchner, Argentina passou a produzir suas próprias vacinas contra a gripe A, as que antes comprava. Com o TTP isso já não será possível. Por outro lado, o Tratado fala de um regime de “celo aberto”, o que prejudicará diretamente à empresa estatal Aerolíneas Argentinas, entre outros prejuízos que um tratado dessa magnitude pode trazer para um país subdesenvolvido.

---

<sup>8</sup>Casualmente o afundimento do pesqueiro teve lugar nas vésperas da chegada de Barack Obama a Argentina. Há algumas razões para especular que esta súbita “mano dura” da Prefeitura argentina, poderia ser outro gesto de boa vontade da “Casa Rosada” para com o visitante. Uma inequívoca sinal de que, além dos fortes vínculos econômicos com a China, Buenos Aires se alinhará incondicionalmente com os Estados Unidos.

#### 4. Paralelismo entre a realidade Argentina e a brasileira

Assim como na Argentina houve grandes avanços, como temos dito acima, durante os governos de Lula e Dilma no Brasil, após uma década neoliberal marcada pelas privatizações e o crescimento da desigualdade social, aconteceu coisa similar; Milhões de pessoas saíram da condição de pobreza e indigência e outras tantas tiveram aceso, por primeira vez, a moradia, saúde, educação, água e até energia elétrica. Além disso, a economia brasileira se colocou entre as mais importantes do mundo e as empresas, tanto estatais como privadas, atuam em vários continentes e competem com as maiores transnacionais europeias e norte-americanas.

Nesse sentido, diante a conjuntura de crise política atual, com boatos de *impeachment* e clima de ingovernabilidade, o professor Armen Mamigonian, numa palestra conferida recentemente no auditório do CFH-UFSC, aponta para o papel desempenhado pelos Estados Unidos nesta desestabilização do governo e da democracia brasileira. Segundo o professor, a presença das empresas brasileiras na América Latina e sua concorrência de escala mundial, resulta intolerável para o imperialismo norte-americano. Por esse motivo, tal como aconteceu no 1954, com a desestabilização que levou ao suicídio de Getúlio Vargas, há uma “necessidade de derrubar essas empresas como a Petrobras, barrer-lhas da cena internacional”, ou bem criar as condições para a sua privatização<sup>9</sup>. Ainda segundo o professor, isso é o que está por trás do “lava-jato” e as denúncias de corrupção, e nem falar da “inveja” norte-americana pela partilha do pré-sal, que levaria ao Brasil a se tornar um importante produtor de petróleo.

Moniz Bandeira, numa recente entrevista<sup>10</sup>, reafirma essa ideia, ao dizer que; “É muito estranho como começou a Operação Lava Jato, partir de uma denúncia “premiada”, com ampla participação da imprensa, sem que documentos comprobatórios aparecessem”. Também ele vai fazer um paralelismo entre a situação ocorrida durante a presidência do Getúlio Vargas, o qual em sua carta testamento denunciava à campanha dos grupos internacionais em aliança grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. Citando as próprias palavras de Vargas nessa denuncia de revolta;

Contra a justiça da revisão do salário-mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobras e, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma.

---

<sup>9</sup>Moniz Bandeira também coloca que; Está claro que, por trás da Operação Lava-Jato, o objetivo é desmoralizar a Petrobras e as empresas estatais, de modo a criar as condições para privatizá-las ([www.pragmatismopolitico.com.br](http://www.pragmatismopolitico.com.br)) acessado no dia 28/3/16

<sup>10</sup>Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/eua-estao-agindo-para-desestabilizar-a-america-latina-diz-historiador.html>

A Eletrobras foi obstaculizada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

O autor aponta que; “A estratégia é aproveitar as contradições domésticas do país, os problemas internos, a fim de agravá-los, gerar turbulência e caos até derrubar o governo sem recorrer a golpes militares”. Ele coloca que essa estratégia, implementada pelo George W. Bush, é a mesma utilizada “desde as chamadas revoluções coloridas” na Europa e Eurásia, assim como na África do Norte e no Oriente Médio”.

Outro autor, Raul Zibechi, nos traz as reflexões de José Luis Fiori, quando fala da geopolítica do capitalismo e a importância histórica do controle estado-unidense na região. Fiori recupera o pensamento de Spyckman, teórico geopolítico de grande influência na política externa estado-unidense durante o século XX. O autor lembra que, assim como o México e o Caribe são zonas de domínio natural estado-unidense, Spyckman considerava que na região sul-americana (...) é o ABC (Argentina, Brasil y Chile), os quais “pueden intentar contrabalancear nuestro poder a través de una acción común”. Nesse caso, esses países seriam uma ameaça à hegemonia que “tendrá que ser respondida a través de la guerra” (ZIBECHI *op.cit* FIORI; *Valor*, 29/1/14). Levando isso em consideração, continua, “el éxito de la nueva alianza entre Brasil y Argentina será siempre considerado como una línea roja para los intereses de Estados Unidos” (*idem*; *Outraspalavras.net*, 27/3/14).

Na mesma linha de pensamento, Ana Esther Ceceña coloca que; “monopolizar los recursos, las fuentes de energía, las materias primas reales y potenciales forma parte de las previsiones estratégicas de un buen hegemón y es uno de los ejes definitorios de la competencia, de las relaciones internacionales y de las guerras.” (CECEÑA, 2003, p.10)

Da mesma maneira, resulta provocador para os interesses *yankes* a criação do banco dos BRICS como alternativa ao FMI, mais também a presença China e Rusa na região.

Pelo lado da Argentina, os acordos comerciais e energéticos com Irã durante o governo de Cristina Kirchner também é uma “piedra en el zapato” para os interesses geopolíticos estado-unidenses. Claro que nessa intolerância está, em primeiro lugar, com foco na Venezuela “chavista”, que estatizou os recursos petrolíferos, e onde a presença comercial da China e militar da Rusa é mais forte. Vale lembrar o golpe ao Chavez no ano 2002, com grande apoio e influência da mídia associada aos interesses corporativos da hegemonia norte-americana.

Vou me deter aqui nesse ponto que considero transcendental, isto é, a influência dos meios de comunicação no poder político, na difusão de ideologia e na manipulação

da população. Tanto na Venezuela como no Brasil e na Argentina, o monopólio e a influência dos meios de comunicação joga um papel fundamental na manipulação e desestabilização dos processos democráticos. Em palavras de Milton Santos, uma característica do atual período histórico é; “o papel verdadeiramente despótico da informação” já que “as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares” (2001, p.38).

A prova disso está no que aconteceu na Venezuela, quando o golpe a Chavez foi diretamente manipulado pela CNN e a mídia aliada aos interesses das corporações opositoras. A prova está também com o que está acontecendo no Brasil, onde a rede “Globo” manipula constantemente as informações que, “em lugar de esclarecer, confunde” (*idem*, 2001). Concordamos com o professor Santos quando fala da tirania do dinheiro e informação. Em suas palavras;

Consideramos, em primeiro lugar, a emergência de uma dupla tirania, a do dinheiro e a da informação, intimamente relacionadas. Ambas, juntas, fornecem as bases do sistema ideológico que legitima as ações mais características da época e, ao mesmo tempo, buscam conformar segundo um novo ethos as relações sociais e interpessoais, influenciando o caráter das pessoas (2001, p.37)

Pois bem, assim como na Venezuela e no Brasil, o papel desempenhado pelo grupo “Clarín” na Argentina tem sido fundamental para gerar um clima de certa crise institucional, de corrupção e autoritarismo por parte da presidenta Cristina, num processo constante de manipulação e “bombardeio” de informação que ajudaram em grande medida à aprovação e desejo popular de mudança refletido na figura do candidato Mauricio Macri.

A campanha midiática em contra da imagem pessoal da presidenta Cristina foi constante desde sua reeleição no 2011. Isto pode parecer carregado de certa subjetividade, mas a difusão de notícias que logo são desmentidas pelos mesmos jornais, ou que simplesmente ficam no esquecimento, porque o monopólio dos meios de comunicação tem o poder de fazer que isso aconteça, é uma realidade.

Lembram os leitores a morte do fiscal Alberto Nisman? Resumindo, uma operação armada pelo poder judiciário argentino, aliado com os “fondos buitres”, com a pretensão de levar à cadeia à presidenta Cristina Fernandez, acusando diretamente de assassinato ao governo sem provas concretas<sup>11</sup>. Também houve naquele momento, manifestações em favor de um “*impeachment*” contra a presidenta. As semelhanças com a atualidade brasileira, serão pura coincidência? Ou os setores conservadores em aliança com certas personagens dos poderes políticos atuam com a mesma lógica?

---

<sup>11</sup>Para saber mais ao respeito, ver: <http://www.revistaanfibia.com/cronica/el-rompecabezas-nisman/>



Moniz Bandeira (2015) diz que;

Grupos de direita estão no Brasil como em outros países. E despertaram com a crise econômica deflagrada em 2007-2008 e que até hoje permanece, em vários países, como o Brasil, onde irrompeu com mais atraso que na Europa. E a direita sempre foi fomentada pelos interesses de Wall Street e do complexo industrial nos EUA, que é ceivado pela corrupção, e onde a porta giratória – executivos de empresas/secretários do governo – nunca deixa de funcionar, em todas as administrações.

Quer dizer, a direita sempre encontra a oportunidade de ressurgir e ameaçar a ordem estabelecido. Nesse período histórico, onde “a crise é estrutural”, a onda progressista parece ter se esgotado e a direita diz ter as soluções, mas bem é sabido que; “essas soluções partem do exclusivo interesse dos atores hegemônicos (...) que agem sem contrapartida, levando ao aprofundamento da situação, isto é, da crise” (SANTOS, 2001).

### **Considerações finais**

Estamos diante de uma nova onda conservadora nos países na região. Os fatos que aconteceram na Venezuela, na Argentina, e o que sucede hoje no Brasil, tem a marca do imperialismo norte-americano que, como durante toda a história desde que assumiu o caráter de potência hegemônica, encontra suas alianças no interior dos países. As burguesias nacionais, diante o avanço do progressismo na região nos últimos 15 anos, vem planejando novas estratégias para recuperar suas posições de privilégio, voltar a exercer o poder nos governos e alinhar aos países de acordo com os mandamentos de Estados Unidos e os organismos financeiros internacionais.

Na Argentina o número de novos desempregados, graças ao programa de “ajuste” de atual presidente, já supera os 30 mil. A inflação superou o 100% e o dólar subiu em poucos meses aos 16 pesos. O programa de governo é claro, reduzir o tamanho do Estado e se aliar novamente com as classes dominantes, nacionais e internacionais. Já são vários os exemplos de desmantelamento de benefícios sociais alcançados nos anteriores governos, mas por se isso fora pouco, há uma censura midiática que reflete uma política autoritária por parte de Mauricio Macri, associado aos interesses do monopólio “Grupo Clarín”.

Também é verdade que essa abertura econômica beneficiou entre outros, ao Uruguai, já que levou ao “reestabelecimento” das relações entre ambos países, depois de anos marcados pelos conflitos diplomáticos surgidos a partir a instalação da fábrica de celulose no Uruguai. Mas longe está de ser parte de uma vontade pro região do governo

argentino, ou em todo caso um regionalismo aberto do qual temos falado.

No próximo dia 30 de março, se discute no parlamento argentino as negociações com os “Fondos buitres”. Se trunfa a proposta do governo, a Argentina será um dos países em desenvolvimento que mais dívida externa terá desde a contraída pelo México no ano 1996. Mas claro que nesse caso, quem vai pagar as consequências disso não serão as classes dominantes, mas como sempre os setores populares.

O presente artigo surgiu da indignação e tristeza após o trunfo eleitoral de Mauricio Macri, por conhecer a sua ideologia, trajetória e ideias. Alcança ver o gabinete ministerial e os assessores mais próximos, principalmente seus assessores econômicos, vários dos responsáveis diretos da acumulação de dívida externa e do saqueio do ano 2001 (Alfonso Prat Gay, Federico Sturzenegger, Melconian, e até o próprio Domingo Cavallo, ministro de economia do Carlos Menem).

O panorama não é alentador, porém, o povo nas ruas está se manifestando e demonstrando que não vai permitir uma volta a aquele período obscuro da história recente.

## **Referências bibliográficas**

BANDEIRA, M “**EUA estão agindo para desestabilizar a América Latina**”. 2015. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/eua-estao-agindo-para-desestabilizar-a-america-latina-diz-historiador.html>

BORON, A “**A que viene Obama?**” 2016. disponível em: <http://www.atilioboron.com.ar/2016/03/a-que-viene-obama.html>

CECEÑA, A, E “**América Latina en la geopolítica del poder**” en *Alternatives Sud: Les dessous de l’ALCA*, vol. X, núm. 1 (Paris: CETRI-L’Harmattan) pp. 35-54. 2003

MOLINARI, J “**A Geografia política e as mudanças provocadas pela globalização**” 2010.

SANTOS, M “**Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**” ed.Record, SP-RJ, 6ta edição, 2001.

ZIBECHI, R “**La tercera guerra fría em América Latina**”. 2014. disponível em: <http://www.jornada.unam.mx/2014/04/04/opinion/019a2pol>